

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. III

Domingo 18 de Janeiro de 1837

N. 21

LITTERATURA.

Mathilde

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

QUEM DIRIA ?

Oito dias depois dos ultimos acontecimentos a casa da Camara de Armamar offerecia um espectáculo curioso e pouco visto.

A noticia de que se ia começar o interrogatorio de Lourenço, conduzido debaixo de prisão á cadêa da villa, chamára uma concurrencia extraordinaria ao lugar em que esse interrogatorio devia ter principio.

A salla era pequena para conter tanta multidão, alguns menos exigentes contentarão-se em subir ao muro de um *quintal* fronteiro á casa, e outros esperavão no largo qualquer noticia sobre o criminoso. Este processo excitára um vivo interesse, pois que a victima ia apparecer adornada já da corda de martyrio com que em poucos dias desceria á campá.

Erão dez horas da manhã, Luiza ainda não tinha chegado ; advinha-se a impaciencia com que era esperada. A's onze menos um quarto apparecerão a cavallo o doutor Gama, seu pai e tio, Tristão e o preto Domingos. A multidão aglomerada á entrada do vestibulo da Camara acolheu-os com vivos signaes de satisfação, porque não ignoravão que a elles se devia em grande parte este espectáculo.

Domingos vinha triste e sombrio, dir-se-hia ao ver-se que elle participava dessa estranha influencia propria das almas que soffrem. Carlos, seu senhor, Carlos que era para elle quasi que um Deus, soffria, e muito ; Carlos que via pouco a pouco inclinar-se a bella planta objecto de todos os seus cuidados e disvelos, tornara-se quasi que um espectro. O testemunho dos martyrios porque

passára na Fulgosa a sua bem amada tirara-lhe dous annos de existencia. Era este triste cortejo que acompanhava esta infeliz menina ! Seu pai, Carlos, Mathilde e a velha Martha fazião parte delle. A dôr do primeiro era concentrada, calmo e resignado na apparencia advinhava-se que a morte tambem exigia o pouco que lhe restava de vida. Mathilde chorava, e Carlos.... esse orava !

Quando este cortejo atravessava por entre a multidão percebia-se nella esse rumor estranho e surdo particular ao Oceano, que é precursor quasi sempre da tempestade. Se Lourenço apparecesse n'aquelle momento talvez que o furor popular se encarregasse de preceder á justiça em seu castigo.

O que se passou no interrogatorio não é para as nossas forças descrevel-o. Assistimos a elle, temos presente as suas menores particularidades, mas serão precisas longas paginas para o relatar.

A justiça informada de tudo ia desempenhar a sua missão. Tratava-se, não de desaffrontar unicamente Luiza e seu pai, mas a opinião publica — todos !

O pai de Lourenço, que gosava da estima geral, deixava as authoridades obrar livremente, e não dera se quer um passo para impedir a acção dellas. O processo dos tres crimes, isto é de assassinato, rapto e estupro devia ser remettido para Lamego, cujo Juiz de Direito daria a sentença.

Provados com o testemunho de vinte pessoas, Lourenço quiz negar o do assassinato do infeliz pai de Carlos, mas Luiza relatou todas as circumstancias que o precederão e forçoso foi acreditar-o.

A irmã de Carlos chamada tambem declarou que Lourenço tentára seduzil-a, o que sabido por seu pai dera lugar a uma violenta altercação entre elle e Lourenço do que resultou o primeiro imprimir a dextra na face do segundo e pouco depois o assassinato.

O doutor Gama desenvolveu por tal sorte a accusação, que fez derramar lagrimas no auditorio, e levado em triumpho até fóra da Villa, ga-

nhou com razão a fama de que gosa ainda. A's tres horas da tarde tinha-se terminado tudo, e Luiza mais doente que nunca regressava á casa de seu pai; aonde tres dias depois devia dar a alma ao Creador.

Lourenço continuou preso até que a sentença fosse enviada de Lamego. Não se fez esperar, d'ahi a quatro dias o Juiz de Direito condemnava-o a oito annos de degredo para a Africa, sentença que não tinha de cumprir-se pois que elle procurou subtrahir-se com o suicidio á deshonra que lhe estava reservada. Foi achado morto na prisão, quando ião removel-o para a relação do Porto.

(*Continúa.*)

Meditação

Meia noite!!...

Que silencio tão profundo! que mudez reina em toda a immensidade! A natureza, envolta em um véo opaco e sombrio parece repousar no mais completo socego; apenas de tempo em tempo se ouve ao longe o murmurio da vaga, que deslizando vai queixosa suspirar na praia solitaria prompta a recebê-la, bramindo ao som da tempestade, ou lentamente soltando brandos queixumes.

A brisa, ciciando suavemente, vai fagueira brincar com as flores e embalsamar-se em seus perfumes; e depois, com a pureza e affabilidade da candida donzella, vem docemente afagar-me o rosto e embalar a folhagem.

Ao longe, lá nos confins do espaço, apparece de vez em quando o relampago levemente fuzilando:

Oh! e eu sou aqui sosinho no meio desta solidão, nutrindo esperanças que não posso realizar; admirando todas estas maravilhas da natureza; contemplando o firmamento, vendo no meio dessa extensão azulada as formosas estrellas e a lua dardejando seus raios de prata por todo esse immenso espaço. Toda esta magestade me infunde n'alma sensações que sinto, mas não sei nem posso descrever. Oh! que toda esta grandeza me traz á memoria as prefeições e pudor, a gentileza e candura dessa a quem ousou amar!.. dessa virgem de meus sonhos, desse anjo de candura, desse complexo de virtudes, dessa feitura emfim de Deos a mais completa!

Como poderia ser eu indifferente a tantos

primores?! como poder fugir aos laços que seus encantos tão habilmente me lançarão?! Oh! que não seja possível uma hora, um momento... ainda mesmo um só instante, sem que todos estes atractivos estejam presentes á minha imaginação, presos e envoltos em minh'alma, baralhados emfim nas meditações e nos meus sonhos!

Ah! quem podéra vel-a aqui junto a mim neste retiro, occulta a todas as vistas que se poderiam fitar em sua formosura, fazendo-me arder em zelos! aqui é que eu quizera estar a seu lado, contemplar avido de prazer sua belleza, admirar sua candura, sentir o leve roçar de seus vestidos pela macia relva, ouvir de seus labios coralinos a doce voz pronunciar-me os seus affectos; e depois com ternura e meiguice, repetir-lhe o meu amor; jurar-lhe pela fé mais pura de existir só para ella; dizer-lhe com carinho e affeição: « Eulina, amo-te com todo o amor e ternura com que se pode amar neste mundo, com o maior extremo e desvelo que pode caber n'um peito humano; amo-te mais do que o nauta ama o porto de seu destino, como a Deos amão os anjos, como o naufrago ama a taboa de salvação; amo-te emfim, como a mãe carinhosa ama seu filho, e ainda mais que a propria vida. »

Para qualquer parte que lanço a vista parece-me vel-a sempre, qual diva risonha e affavel, prompta a despende commigo mil affectos.

Quando repouso das fadigas diurnas, vem sempre sua candida imagem dourar-me os sonhos de esperança e de ventura. Ah! quem vivera assim sempre sonhando! pois são bem doces esses momentos que então desfructo! Porém o quanto é triste o despertar ante a realidade!...

Eulina, se o destino permittir que estas incultas linhas cheguem a teus olhos, acolhe-as com brandura, pois forão escriptas só para ti; se ellas te merecerem alguma attenção, eis completos os meus desejos, por que pensando em ti ellas forão escriptas.

Andarahy, Fevereiro de 1857.

MIGUEL CORRÊA BRAGANÇA.

Amelia
OU
AS VICTIMAS DE UM PERJURIO.

(ROMANCE ORIGINAL.)

O. D. e C.

AO MEU AMIGO

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

II

A PROVA.

Já o sol se escondeu através das collinas que cercão o horizonte.

A noite estende seu véo de trevas, e a lua mostra-se brilhante no meio do firmamento.

Embuçado em uma capa e montado em um soberbo cavallo, correndo a meio gallope, segue um homem pela estrada que vai dar á villa de *** sem reparar no mago painel que lhe apresenta a natureza.

A claridade da lua, passando por entre a folhagem do arvoredado que se estende ao longo da estrada, deixa ver de quando em quando pelo semblante melancolico e severo do cavalleiro, deslizar uma lagrima de crystal, a qual inda ha pouco seus olhos humedecia.

Pára de repente, parecendo querer escutar os cadentes sons de uma franta que se erguem ao longe; e um gemido entregando a brisa que fagueira lhe beija as faces, prosegue seu caminho.

« Pobre Ernesto! outr'ora tão ditoso mas agora tão infeliz!... » Um sorriso de tristeza e angustia lhe assoma as pallidas e tremulas faces, ao pronunciar estas palavras, no momento em que fustiga seu cavallo. Em poucos instantes entra-nha-se n'um bosque que lhe fica em frente, do qual jaz a dez braças uma casa de pequena apparencia: a mui curta distancia da mesma apêo-se, amarra seu cavallo a um tronco e segue vagaroso por uma estreita vereda; chegando ao fim pára em frente de um caramanchão, cercado de bancos de pedra. Depois de certificar-se de que ninguém ali se acha, entra e senta-se n'uma cadeira que está junto de uma meza redonda; e recostando a fronte sobre o braço o qual apoia na mesma, exclama com voz rouca e quasi sumida:

— Oh! já fui bem feliz!... mas agora, ai de mim! sou o mais desgraçado de todos os homens!... Sim, já fui muito feliz!... este bosque

que o diga onde tantas vezes occultei minha ventura, onde tantas lagrimas derramei confuso de alegria sobre a verdejante e macia relva que o matiza, e que hoje só com lagrimas de sangue eu a quero orvalhar!...

— Cala-se, e voltando o rosto para essa casa que lhe fica ao lado vê todas as janellas fechadas, por onde pouco antes divisava a claridade da luz que se achava na salla.

Ouve-se o tropel de um cavallo que pára á porta dessa casa, e um homem, apêando-se, bate de leve: ao seu bater abre-se de mansinho essa porta para lhe dar entrada, e cerra-se immediatamente.

Ernesto faz um esforço para erguer-se; mas torna a cahir de novo sobre a cadeira pronuncando estas palavras cheias de cólera:

— Inferno!... eil-o que chega!... vai-te, vai-te engolfar nesses gosos de ventura; aproveita esses poucos momentos que te restão de vida, que minha missão vai cumprir-se, e a tua ultima hora bem prestes soar!... Cala-se rangendo os dentes, um tremor convulsivo agita-lhe todo o corpo; e passando a mão pela testa fica pensativo.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO

(Continúa.)

Uma pagina de minha vida.

(Conclusão.)

Tudo para mim na natureza erão enleios desconhecidos, os quaes fazião augmentar as lagrimas que eu embalde fazia por enxugar.

A meus ouvidos ainda soavão os ais de minha familia, para mais torturar minha alma já tão cheia de angustias.

Descei emfim as escadas que se seguião a esse pateo em que, por curtos instantes, me havia detido.

No fim destas escadas seguia-se um espaçoso terreiro, aonde um criado ainda moço, mas a quem eu consagrava particular estima, segurava nas redeas da cavalgadura em que eu tinha de seguir. Por elle ajudado sabi para a sella; e a voz faltou-me para poder corresponder ao adens de despedida que esse amigo me dirigio.

Dentro em poucos instantes achava-me fóra do

portal que fechava esse terreiro, a alguns passos de distancia do lugar em que tinha montado. Era ahí que me esperava esse amigo e collega da infancia.... pretendi fallar-lhe mas a voz prendeu-se-me nos labios; a sua commoção julguei não ser menor á minha; pois um triste sorriso, em que bem se pintava a amargura de sua alma, foi o que atravez de um olhar me pôde dirigir.

A nos: a posição, agora, era a de dous padecentes que se encontrão ao voltar de uma rua para irem subir ao mesmo patibulo.

Como, porém, qu'isi sempre, os males que soffremos tornão-se menos sensiveis quando encontramos uma pessoa que soffre e tem de partilhar comnosco dos mesmos; ao reconhecer eu as magoas de meu pobre amigo, e á lembrança de que tinha um companheiro para gemer e suspirar comnigo, senti um lenitivo aos longos pezares que atribulavão meu coração.

As nossas cavalgadas seguião a passo regular uma quasi a par da outra; e a em que montava o pai do meu companheiro a poucos passos de distancia, assim como dous homens que a pé nos acompanhavão. Por algum espaço de tempo nenhum de nós se atreveu a interromper o silencio do outro: mudos olhavamo-nos apenas, como a furto de vez em quando, sem duvida para lermos no semblante um do outro as commoções que nos agitavão; nossos olhares, porém, encontravão-se, e, muitas vezes, era o suspiro de um que respondia ás investigações do outro.

Talvez em pouco mais de um quarto de hora o dia estava claro: achavamo-nos então em um lugar elevado do qual ainda poderiamos lançar uma ultima vista ás habitações paternas, o que fizemos; e então o silencio que até ahí havíamos guardado foi pelo meu companheiro interrompido nestas palavras: — J... aonde achar-nos-hemos de hoje a um anno? — « Deos o sabe! respondi-lhe, apontando para o céo. Continuamos a jornada.

Ainda não havia um anno que eu e meu amigo havíamos deixado o berço patrio, e por isso que tínhamos chegado a esta cidade. A epidemia que nos principios de 1850 assolou o Rio de Janeiro estava no seu auge; e em um quarto da casa pertencente á benemerita pessoa, (*) a quem

(*) Esta pessoa é o Sr. Manoel José Pereira nessa época com casa de negocio á rua do Sabão.

de Portugal tínhamos sido recommendados achavão-se dous leitos, um em frente do outro; em um delles jazia o meu amigo exhalando o seu derradeiro suspiro; e eu no outro já desenganoado a que breve o seguiria.... Amigos da infancia, collegas e irmãos de desventura, a quem os proprios obstaculos do exilio não tinham tido o poder de separar, era bem que ainda a propria morte não terminasse o élo que prendia nossos corações levando-nos juntos para essa região desconhecida a que chamamos eternidade!.... Oh! mas não aconteceu assim; pois a minha hora ainda não era chegada.... Pessoas que velavão á minha cabeceira arrancarão-me a esse lugar aonde já existia um cadaver.... e esse cadaver pertencia áquelle que fôra unico confidente de minhas magoas.... aquelle para quem no meu coração jámais existirão segredos, assim como no seu para mim haviam existido!....

No entanto eu havia sobrevivido; e uma vida nova principiava agora para mim.... Ainda me restavão amigos; mas um amigo como o que acabava de perder aonde jámais o encontraria?.... Foi então que entrando no conhecimento do que é esta peregrinação do homem sobre a terra, contemplei o meu passado tão cheio de flores, meu presente todo fel e amargura, e o futuro tão negro e desconhecido!....

A poesia é um consolo para o coração triste e desditoso.... abracei-me com ella como á unica e fiel companheira que d'ahi em diante me poderia restar; e não foi em balde o meu apêgo para com ella; pois é com quem me tenho encontrado nos maiores transes de amargura; é quem me ha consolado nas horas de mais tristeza e melancolia; é com quem me encontro nas horas de mais reponso e solidão; é em fim, quem acorda em mim o animo para seguir no escabroso trilho da vida.

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1857.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Christina.

(ROMANCE ORIGINAL.)

(Continuação.)

A BRUXA.*Lo svegliarsi la prima notte in carcere
E' cosa horrenda!*

SIL PEL.

O narcotico havia sido ministrado com tanta segurança, que parece ter sido preparado por mão experiente, ou theorica.

Erão sete horas da manhã quando Christina mostrou que tinha vida.

Ella da primeira vez não acordou, apenas fez alguns movimentos como quem buscava roupas para se cobrir.

Estendeu seus lindos braços a todo o alcance, depois percorreu todo o espaço que havia ao redor do seu corpo, e não achando mais do que a dura taboa onde estava deitada, soltou um gemido e encolheu-se toda; juntou seus lindos braços d'encontro aos cotovêlos, e cruzou-os sobre o formoso collo, apoiou sua angelica frente sobre as delicadas mãos, como, querendo com a reunião dos membros do seu gelado corpo affrontar o temível frio.

Já erão sete horas e meia quando ella despetou, o seu primeiro olhar foi indeciso; mas depois como se acordára de um terrível pesadêlo, sentou-se sobre o catre, e vendo a mudança que se havia feito do seu aposento para aquella masmorra, julgou ser um sonho.

Apartou as negras tranças dos seus cabellos, e passou duas, ou tres vezes as mãos pelo rosto, como se quizesse expellir alguma nuvem de seus olhos, ou convencer-se que não dormia.

Estava nesse estado interrogativo, com que a infeliz creatura busca em seu olhar a decifração desse enigma em que a sorte nos lança; quando avistou uma mulher, que mais parecia una furia do inferno, do que creatura humana.

— Bruxa!.... gritou Christina, cahindo sobre as taboas do seu catre.

— Bruxa.... disse a hedionda velha chegando-se para o catre da infeliz moça. Desta vez, hei de chupar-te o sangue!.... sim.... desta vez não me escaparás, como na noute do incendio... Oh!... ainda me lembra que até fui para a gaiola por tua causa.... mas deixa estar que breve pagarás com usura.... Oh!.... se has de pagar.... isso

é o que não tem duvida. O' lá!.... tão certo como dous, e tres fazem cinco.

Deixaremos Christina, e voltaremos para a casa do usurario.

Erão seis horas da manhã quando a bôa Henriqueta, acordou, e a primeira cousa que buscou foi o leito da sua pupila, como era o seu costume, mas desta vez estava deserto; movida como por algum presentimento funesto, ella desceu rapidamente para o chão; correu á cama de Christina, não obstante, não encontrar nada, ain'ta apalpou, como receiando que seus proprios olhos a illudissem, depois de ter procurado em todo o quarto; chamou pela criada, perguntou-lhe se tinha visto Christina, esta respondeu-lhe, que ella talvez tivesse fugido com algum estudante de marinha, porque a encontrára na vespera conversando com um, e que assim que seutio passos, fingio estar colhendo flôres.

Henriqueta acenou com a cabeça fazendo signal de não acreditar.

Depois mandou chamar o criado, e fez-lhe a mesma.

— Onde está Christina?....

— Não sei.... respondeu-lhe Leocadio, hontem á noute encontrei-a no jardim tirando flôres para dar a certos estudantes, que ella namora....

— Um.... respondeu Henriqueta, fazendo um movimento prolongado com os beiços, ainda incredula....

— E a que horas foi que a encontrastes?....

— Havião de ser talvez sete....

— Hontem.... com tanta chuva!... parece-me impossivel.

— Não se admire, porque as moças quando tem seus pretendentes não teme a chuva; e depois tenho a dizer-lhe que vi o tal meninorio da marinha, passar por cá dando voltas em uma sege, talvez viesse fazer suas combinações com a menina....

A boa mulher estava tão convencida da pureza e da innocencia de Christina, que não deu crédito á vil calumnia de Leocadio, e Margarida.

Correu afflicta, e debulhada em lagrimas, para o gabinete do velho usurario, que já estava revolvendo e contando suas lindas moedas de ouro, e achava-se tão embriagado com a vista do seu thesouro, que ao ver Henriqueta lavada em prantos ficou bem abysmado; mas passados alguns instantes, ainda um pouco confuso perguntou:

— Que.... Que.... é que tem acontecido? !....
 — Ah ! senhor Ricardo, não sabe !....
 — Falla, mulher !.... Falla com todos os diabos, não me queiras torturar !.... Diga, foi alguma desgraça ?....
 — Foi a desgraça maior que podia acontecer-nos !... Foi Christina que desapareceu !....
 — E' só essa novidade?.... E' por tão pouco que você faz tão grande lamuria?.... E' verdade que eu também perco, porque a mensalidade não é má; e o tal desconhecido é prompto em pagar....
 — Convem que elle não saiba do que se tem passado.
 — O' mulher, você quer saber uma cousa, não continue a grasinar porque isto póde ficar em segredo, e nós podemos chuchar o dinheiro que o desconhecido nos vinha entregar, e em quanto á rapariga, Deos a leve a bom caminho.

F. A. F. AMORIM.

(Continúa.)

POESIAS.

No album de Elysa.

Elysa, não acredites
 De teu peito nos palpites,
 Os quaes podem te enganar....
 Dos homens, olha que as phrasês
 A's vezes são tão sagazes,
 E fallazes
 Quão faceis de acreditar !

Não julgues todas as fallas
 Que d'amor exprimem galas
 Nascidas do peito são....
 Attende, Elysa, quem ama
 Não sabe exprimir a chamma
 Que se inflamma,
 Ardendo no coração.

Não creias, Elysa, em juras,
 Por que sempre ellas impuras

São quasi também, ó flor;
 Olha que o fingido amante
 Também póde n'um instante,
 Delirante,
 Formar mil votos d'amor !

Crê, Elysa, amor sincero
 Ha mui pouco, eu t'ó assevero,
 Qu'ó saiba bem consagrar ;
 Por isso não creias, não,
 No que diz-te o coração,
 Puro e são,
 Por só d'amor te fallar.

Olha bem que estás em tempo,
 Repara que um só momento
 P'ra tua perda é bastante....
 E que já tarde perdida
 Só terás por ti, querida,
 Nesta vida,
 Remorso e magoa incessante !

Com isto, Elysa, não quero
 Dizer-te que amor sincero
 Não haja, oh ! isso não !
 Ha sim, mas toma cuidado,
 Qu'um peito p'ra amor só nado
 Enganado
 E' facil pela illusão !

Reflecte no que te digo,
 Conselhos são d'um amigo
 Que te deseja a vontura,
 E que também já desdito
 Traga o veneno maldito,
 Infinito,
 Da dor, pezar e amargura !

Sim.... pois também já ingrato
 Fingindo amar, insensato
 Abusei d'um coração ;
 Apoz conhecendo o horror
 De meu crime usurpador.
 Com amor,
 Sanal-o quiz... mas em vão !

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

O Pirata.**RIMANCE.**

NO ALBUM DE UM AMIGO.

I

Lá o sol n'horisonte que declina,
 Vai seus cetrinos raios espalhando
 Por todo o vasto imperio de Neptuno.
 Tranquillas são as ondas, além voga
 Mauritano baixel que sobre a pôpa
 Sua bandeira traz ao vento larça.
 D'um joven recostado sobre o mastro
 A fraça voz o vento ouvir nios deixa!

II

« Baixel fugitivo,
 « Correndo ligeiro,
 « A' patria me leva,
 Feliz, prazenteiro.
 « Tu guardas thesouro
 « De grande valia ;
 « Se tu m'o perdesse
 « De certo morria !...
 « A linda donzella,
 « Esse anjo encantado,
 « D'amor por quem vivo
 « No fogo abrazado
 « A' Lysia a roubei,
 « Com ella fugi ;
 « Meu aureo porvir
 « Agora sorri.
 « Em noute mui bella
 « A lua brilhava,
 « Seus raios de prata
 « Na terra espalhava....
 « Em seu jardim, Lilia,
 « Mui triste yagava ;
 « Não sei se em amores
 « A virgem pensava.
 « Por tempo notando,
 « De Lilia, o scismar,
 « Seus raros encantos
 « Eu pude admirar !

« Então occultei-me
 « Num prado de flôres,
 « E louco cantei
 « Mil trovas d'amores.
 « Sensiveis e ternas
 « Meu peito as dictou ;
 « Ouvio-as a bella,
 « Depois suspirou.
 « N'um banco de pedra
 « Após assentada
 « Co'a fronte na dextra
 « Ficou reclinada.
 « Qual raio veloz
 « Sobre ella voei ;
 « Contente em meus braços
 « Então a estreitei :
 « A' patria saudosa
 « Desejo chegar ;
 « Venturas, com Lilia,
 « Eu corro a gosar !... »

III

O vento já lá mudou,
 E do mouro a voz cessou,
 Uma nuvem lá surgio,
 Tão negra como subio,
 Todo o ar além toldou.

Ao longe um canhão troava,
 E uma bala resvalava
 Pela popa do baixel ;
 E seu letreiro — *Babel* —
 Lá com sigo carregava.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

*(Continúa.)***Echos da lyra gemedora.****I**

Tristes echos a lyra gemedora
 Desprende a custo, quasi moribunda ;
 E nas azas do tempo a vida sua,
 Já se vai pouco a pouco evaporando !...

II

Discipulos de Apollo quando lerdas,
Os echos tristes desta minha lyra,
Não cuideis na arte e bella melodia
Que possuir só podem grandes genios ;
Mas se apreço lhe deres, esse seja,
A belleza de puros sentimentos
Que de um peito na flor da juventude
Ternos se desprenderão livremente !

III

Já houve tempo em que dourados sonhos,
Mil felizes lembranças me trazião ;
Ora de amor no templo me encontrava
A tanger minha lyra alegremente
Verdes louros a fronte me cercavão ;
Mas a nuvem opaca que encobria
O despertar de meus dourados sonhos
Afastando-se foi, tão lentamente
Que tempo tive de estudar-lhe o curso.
Logo apoz divisei um vasto quadro
Aonde havia esculpido a natureza
Toda a realidade do universo.
Vi chorar a pobreza, e de seu pranto
O rico estar folgando em lauta mesa !...
Vi o amante gemer aos pés da ingrata
Mostrando-se ella surda a seus gemidos.
Vi o falso talento engrandecer-se
E á mingua morrerem grandes genios !
Vi curvada a virtude pela terra
E arrastada depois pelo usurario
Que humilhal-a por ouro pretendia !...
Mas quando a vista mais no quadro punha
Em tudo me firmando, e tudo vendo
Eis correu sobre o quadro a opaca nuvem
Logo o quadro me foi desappar'cendo
E eu surpreso me vi n'outro-hemisferio
Esquecido dos sonhos já passados,
De minha doce lyra, e verdes louros ! —

Setembro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Parodia

Se eu fôra da terra sob'rano potente,
A escravo descera p'ra amor te offertar ;
Roubara-te ao mundo, do Empyreo se eu fora
Um anjo queá terra podesse baixar.

Se eu fôra dos astros o mais rutilante,
P'ra ti só fizera meus raios brilhar ;
Insecto iuvivível se eu fosse, em teu collo
De fino alabastro me fôra occultar.

Se eu fôra dos echos um echo argentino,
Iria aos ouvidos d'amor te fallar ;
Se triste rolinha, bem junto a teu leito
Eu fôra de noute gemer, suspirar.

Se eu fôra das auras a mais fugitiva,
Fugindo teus labios eu fôra beijar ;
Aos evos do eterno levava teu nome,
Se o genio de Tasso podera imitar.

Mas eu não sou echo, nem anjo ou sob'rano,
Insecto ou rolinha, nem astro a brilhar
Nem aura, nem genio, sou joven que apenas
Amor no teu peito deseja inspirar.

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

A Marilia.

Marilia, teu olhar deu vida ao bardo !
Teu sorriso foi bálsamo divino
Lançado ao coração amortecido !
Teus carinhos vieram enfiltrar-lhe

Terna esperança,
Doce alegria,
Grande bonança
A' sua procella !
Linda donzella,
Mimosa flôr,
Sente no peito
Teu trovadôr
Muitos martyrios ;
Sente um ardôr,
E' um volcão,
Fogo de amôr
Tenue paixão.

F. A. F. AMORIM.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA,
Rua da Valla n. 141.